UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE FILOSOFIA

A desconstrução do sujeito em Foucault: O sujeito e as práticas de si

Dara Raiany Reis de Macedo

Fortaleza

2017

A desconstrução do sujeito em Foucault: O sujeito e as práticas de si em Foucalt

Dara Raiany Reis de Macedo[1]

1. Introdução

O artigo trata da investigação feita por Michel Foucault da constituição do sujeito que se entende enquanto individuo circunspecto, e que tem como a si objeto *a priori* do entendimento do mundo, e que teve seu principal desenvolvimento na modernidade.

A análise genealógica do sujeito conduzida pelo filósofo francês, procura entender os processos de subjetivação dos indivíduos ligados ao saber e aos jogos de verdade, fugindo do entendimento de "natureza humana" ou de uma ideia de "essência", que foi mascarada, alienada ou aprisionada em mecanismos de repressão. Foucault muda a óptica desse entendimento afirmando que o que se entende enquanto sujeito é produzido historicamente, ou seja, se modificam no decorrer e através dessa história por meio das relações de poder que se dão entre os indivíduos livres, não o poder entendido como apenas algo "destrutivo", "danoso", mas o poder enquanto criação, confronto, choque, etc, e que caracteriza a relação do sujeito consigo mesmo, e consequentemente com os outros, através

[1] Graduanda em Filosofia na Universidade Estadual do Ceará.

das práticas de si e de liberdade.

Através da visão do cuidado de si na Antiguidade grega, Foucault percebe que a partir das práticas de si ao longo da história é que o individuo compreende a si mesmo, cuidado de si que se caracteriza pela apropriação de certas verdades, ligando-se eticamente aos “jogos de verdade”. Jogos esses que se dão dentro das relações de poder , que podem ou não exercer um estado de dominação que se dá através do excesso desse poder, por um individuo ou grupo através de variadas relações.

.

2. Desenvolvimento

Michel Foucault, pensador Frances do século XX, buscou entender o processo de subjetivação ligado ao domínio do saber, não tinha como foco a busca por uma metodologia, mas observar os diferentes modos pelos quais os seres humanos se tornaram sujeitos ao longo da história.

No texto "A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade", deixa clara sua discordância da ideia de natureza ou essência humana, assim como uma teoria do sujeito - a maneira da fenomenologia [2] -, não vendo esse como com uma essência *a priori*, ou o ponto de partida do conhecimento. O que interessa ao autor, ao contrário do que se poderia pensar devido seu interesse perceptível no poder e nas suas relações, é a analise histórica das diferentes constituições do sujeito e as possíveis relações com os "jogos de verdade”, que auxiliam nos diversos processos de subjetivação.

[2] “O que eu recusei foi precisamente que se fizesse previamente uma teoria do sujeito – como seria possível fazer, por exemplo, na fenomenologia ou no existencialismo –, e que, a partir desta, se colocasse a questão de saber como, por exemplo, tal forma de conhecimento era possível.” (FOUCAULT, 1984).

O “homem” enquanto categoria, antes do fim do século XVIII, não existia se não enquanto potência de vida, o que desenvolvia do trabalho ou nas delimitações históricas da linguagem, sendo uma concepção recente. As ciências naturais classificaram o homem como uma espécie ou um gênero, a gramática e a economia, utilizavam ideias como as de necessidade, de desejo ou de memória e de imaginação. Mas a consciência epistemológica do homem era inexistente. Até mesmo as formas que permitiam estudar uma natureza humana e a maneira como funcionavam eram excludentes de uma “ciência clássica do homem” [3]. No pensamento clássico não haveria separação entre “natureza” e “natureza humana”, e sim uma comunicação entre ambas através de duas funções opostas mas complementares, onde “a cadeia dos seres torna-se discurso, ligando-se assim à natureza humana e à série das representações”, que se imbrica uma à outra pelos mecanismos do saber e pelo seu funcionamento. Portanto, o sujeito, como realidade primeira e sujeito soberano de todo conhecimento possível, essa concepção moderna de um ser cuja a natureza consiste em conhecer a natureza, e a si mesmo como ser natural, não encontra aí o seu lugar.

Nos anos anteriores, e ainda mais, após a segunda guerra mundial, um modo de pensar, que se encontrava principalmente na filosofia francesa, fazia do que Foucault chama de "sujeito de sentido" o ponto central da concepção do conhecimento e da significação do mundo:

> "Nos anos que precederam a segunda guerra mundial e ainda mais depois da guerra, a filosofia em França era dominada por aquilo que poderíamos chamar “a filosofia do sujeito”, pelo que entendo uma filosofia que vê no sujeito de sentido a fundação de todo o conhecimento e o princípio de toda a significação. Imperava a transcendência do ego." (FOUCALT, 1980)

Com o distanciamento da guerra, que com sua devassidão fazia da ideia de um sujeito individual um sentido à existência, essa ênfase filosófica no sujeito

---

[3] FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes. 2007. P. 424.

perdera seu sentido, e os paradoxos dessa “filosofia da consciência” foi incapaz de perceber os “mecanismos formativos de significação e as estruturas dos sistemas de sentido”, e assim não conseguiu se constituir como pretendia, em uma filosofia do conhecimento. Outra corrente de pensamento afirma ter ido além da filosofia do sujeito, o Marxismo, com seu discurso humanista que propõe a substituição do sujeito abstrato, pelo homem real, concreto, não-alienado, etc.

Foucault diverge de tais correntes ao construir uma análise, fugindo dessa “filosofia do sujeito”, não cristalizando o sujeito mas explicitando a transformação do que se entende por este através da história, e que levou à concepção do eu na modernidade. A finalidade seria a construção de uma genealogia do sujeito, tratando as modernas elaborações teóricas que se ocuparam do sujeito em geral, em primeiro lugar analisar a teoria do sujeito que fala, vive e trabalha, em segundo a compreensão das instituições, tais como hospitais, manicômios e prisões, nas quais certos sujeitos tornaram-se objetos de conhecimento e, consequentemente, objetos de dominação. E em terceiro, formas que o sujeito cria a cerca de si mesmo.

Em "O Sujeito e o Poder" também lida com três modos de objetivação na produção do sujeito: o primeiro, com a objetivação do sujeito que tenta atingir o estatuto de ciência, como, por exemplo, a do sujeito na filologia, o sujeito produtivo, ou, ainda, a objetivação do estar vivo na história natural ou na biologia Em segundo, aquilo que chama de "práticas divisoras", onde o sujeito é dividido em seu interior e em relação aos outros, como no dualismo "louco" e "são", "criminoso" e o "bom", o terceiro é o modo como os seres humanos tornam-se sujeito, dando o exemplo do sujeito da sexualidade, que se desenvolve através das práticas sexuais.

Através da sua análise da experiência da sexualidade e a historia dessa experiência, pode-se perceber que existem inúmeras técnicas que permitem aos indivíduos, em todas as sociedades, efetuarem ações sobre seus corpos, almas, pensamentos, condutas, etc, de tal maneira que transforma a ele mesmo,

modificando-se, ou age intencionando a um certo estado de perfeição, felicidade e pureza, que chama de tecnologias de si, na conferência transcrita “Verdade e subjetividade”.

Retornando ao escrito “A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade”, Foucault chama aqui tais tecnologias, de práticas de si. O cuidado de si que se constituiu, no mundo greco-romano, mostra a maneira pela qual a liberdade individual, ou liberdade cívica com certo limite, foi pensada como ética. Esse cuidado atravessou todo o pensamento moral grego, essa prática de si teve na sua era grega uma autonomia muito maior a posterior, onde foi investida pelas instituições religiosas, pedagógicas, psiquiátricas, médicas, etc.

Entre os gregos, para se exercer a liberdade era necessário ocupar-se de si mesmo, afirmação que se une ao imperativo fundamental, do qual se girou em torno a ética como prática racional da liberdade na Antiguidade: “conhece-te a ti mesmo”, mas não se limitando a si mesmo, na medida que seria um ocupar-se de si benéfico aos outros, não excluindo sua ligação com o externo. Esse cuidado de si, como diz Foucault, é o que seria o conhecimento de si (sendo este o lado socrático-platônico), e, além disso, seria também o conhecimento de certas regras de conduta que são verdades e prescrições. No sentido em que cuidar de si é compreender e carregar essas verdades, seria aí onde “a ética se liga ao jogo da verdade”.

Esse trabalho de si para si, não pode ser compreendido apenas como liberação, pois segundo Foucault, tal entendimento levaria à ideia de que existe uma natureza humana, como dito anteriormente, sufocada por processos históricos e mecanismos de repressão, e aí bastaria romper as amarras para que o ser humano se reconciliasse consigo mesmo. O que não quer dizer que essa ou aquela liberação sejam inexistentes, mas que uma prática de liberação não é o suficiente para definir as práticas de liberdade que serão necessárias para que os indivíduos possam “definir para eles mesmos formas aceitáveis e satisfatórias da sua existência ou da sociedade política”. E por isso, Foucault dá preferencia a

praticas de liberdade, sendo o problema ético dessas práticas mais importante do que o da afirmação de uma “liberação”.

Essas práticas de liberdade e suas liberações, incidem nas relações de poder, tendo estas uma extensão por entre a humanidade que se exerce entre os indivíduos. A análise de tais relações de poder mostra a possibilidade do que se pode chamar de estados de dominação, pelas quais as relações de poder, em vez de serem móveis e permitirem que os indivíduos modifiquem suas estratégias de condução do outro e de resistência, há cristalização e bloqueio por um outro individuo ou um grupo social – por instrumentos tanto econômicos, políticos ou militares. Em tal estado as práticas de liberdade são praticamente inexistentes, ou extremamente limitadas. Portanto, “a liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade”.

O sujeito não seria uma substância, mas uma forma, que se constituiria através da prática de si mesmo, em uma relação mutável e que nem sempre é, sobretudo, idêntica a si mesma. As práticas de constituição do sujeito de maneira ativa, não são práticas criadas pelos próprios indivíduos, mas sim esquemas presentes em sua cultura e que lhe são impostos ou sugeridos pela sociedade, política, etc, e que se modifica através da história. Portanto, é através dos jogos de verdade, que se dá em um conjunto de regras de produção da verdade, que surge um conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado. Sendo sempre possível descobrir, em determinado jogo de verdade, alguma coisa diferente, podendo modificar mais ou menos tal regra, e eventualmente todo um conjunto do jogo de verdade. Os indivíduos que são livres, é que dizem essas verdades presentes nos jogos, que organizam certo consenso e se encontram dentro de uma rede de práticas de poder e de instituições coercitivas. Os jogos de verdade estão introduzidos nas relações de poder, que se caracteriza por jogos estratégicos através das quais os indivíduos tentam conduzir, determinar a conduta dos outros, e também podem responder não deixando sua conduta ser

determinada ou determinando em troca a conduta dos outros. Não sendo os jogos de poder apenas de caráter “negativo”, como se sua existência se atribuísse ao mal, pelo contrário, tais relações permitem a transmissão dos jogos da verdade entre os sujeitos livres:

> Não vejo onde está o mal na prática de alguém que, em um dado jogo de verdade, sabendo mais do que um outro, lhe diz o que ê preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas: o problema é de preferência saber como será possível evitar nessas práticas – nas quais o poder não pode deixar de ser exercido e não é ruim em si mesmo – os efeitos de dominação que farão com que um garoto seja submetido à autoridade arbitrária e inútil de um professor primário; um estudante, à tutela de um professor autoritário etc. Acredito que é preciso colocar esse problema em termos de regras de direito, de técnicas racionais de governo e de êthos, de prática de si e de liberdade. (FOUCALT, 1984)

O problema em Foucault não seria, portanto, a dissolução das relações de poder, para a possibilidade de uma circulação transparente dos jogos de verdade, mas sim a de se pensar um *ethôs,* uma prática de si e de liberdade que permitiria -e por conseguinte uma nova forma de se pensar o sujeito - , nesses jogos de poder, jogar com o mínimo possível de dominação.

3. Conclusão

Foucault busca através de uma genealogia do sujeito, e de suas variadas constituições históricas, e principalmente pelo o que se entende como cuidado de si, por meio de uma análise grega de tal pensamento, perceber as inúmeras técnicas que permitem a transformação e modificação do que se entende enquanto sujeito, principalmente na modernidade, e suas relações com os jogos de verdade. Analisando suas relações como sujeito produtivo, e objetivo, como sujeito que é delimitado através dos estados de dominação das instituições disciplinares, e o sujeito que se desenvolve a si mesmo através da história.

Seria nesse cuidado de si, onde o sujeito tem uma certa participação ativa

na sua própria constituição - pelo menos até onde permite a cultura, instituições, sociedade, etc, sendo este uma forma e não uma substância -, que se dão as relações consigo mesmo, e consequentemente com os outros. Nas práticas de si, que se são práticas delimitadas por certas condutas prescritas, se estabelecem o conhecimento de certos princípios, nesse sentido cuidar de si é compreender e carregar tais verdades, ligando-se assim aos jogos de verdade. Os indivíduos livres, que transmitem esses jogos de verdade, que se caracterizam por determinadas regras de produção da verdade, se introduzem por estas nas relações de poder, onde por vias de estratégias determina-se a conduta dos outros, e também se responde, ou evita, tal dominação. Sendo o principal foco em seu pensamento, não a destruição das relações de poder, mas sim repensar práticas de si e de liberdade que permitam o mínimo de dominação, no acontecimento dessas relações.

4. Referencias bibliográficas

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In P. RABINOW e H. DREYFUS, Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. Disponível em: http://www.uesb.br/eventos/pensarcomfoucault/leituras/o-sujeito-e-o-poder.pdf. Acesso em: 02/01/2017.

FOUCAULT, Michel. Verdade e subjectividade (Howison Lectures). Revista de Comunicação e linguagem. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993.
Disponível em:
http://escolanomade.org/wp-content/downloads/foucault_verdade_subjetividade.pdf.
Acesso: 02/01/2017.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes. 2007.

FOUCAULT, Michel. *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*. Ditos & Escritos

V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

MURAD, Maria Fernanda Guita. O Sujeito em Foucault. 2010. Disponível em: http://www.spid.com.br/pdfs/2010-2/Atividades-Jornadas-Interna-2010.1-O-SUJEITO-EM-FOUCAULT-Maria-Fernanda-Guita-Muraddoc.pdf. Acesso em: 02/01/2017.

PEZ, Tiaraju Dal Pozzo; Pequena Análise sobre o Sujeito em Foucault: A construção de uma ética possível. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/TiarajuDPPez.pdf. Acesso em: 02/01/2017.

CANDIOTTO, Cesar; Foucault: Uma história crítica da verdade. São Paulo. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/trans/v29n2/v29n2a06.pdf. Acesso: 02/01/2017.